



Juventude camponesa e permanência universitária: entre desafios e resistências

RAMON SANTANA TEIXEIRA LIMA
IDALINA SOUZA MASCARENHAS BORGHI
THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS

Peasant youth and university retention:
between challenges and resistance

Peasant youth and university
retention: between challenges and
resistance

PALAVRAS-CHAVE
EDUCAÇÃO DO CAMPO.
ASSISTÊNCIA E
PERMANÊNCIA
ESTUDANTIL.
PESQUISA
PARTICIPANTE.
EXTENSÃO
UNIVERSITÁRIA.

RESUMO O trabalho apresenta uma sistematização das atividades realizadas no Projeto de Extensão “Juventude Camponesa e Permanência universitária: repensar, transgredir e construir”, que teve como objetivo criar um espaço de escuta e diálogo para o compartilhamento dos anseios, dificuldades e angústias vivenciados pelos jovens camponeses durante seus percursos formativos acadêmicos na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O planejamento das atividades fundamentou-se em uma abordagem qualitativa, ancorada nos princípios da pesquisa participante. Para problematizar as discussões, foram realizados dois encontros, tomando como dispositivo de diálogo e escuta os Círculos Dialógicos Formativos, inspirados nos Círculos de cultura Freirianos. A experiência indica que é fundamental existir na universidade um setor responsável pelo acompanhamento da juventude, viabilizando a escuta dos/as jovens e oferecendo suporte para que os/as estudantes possam superar dificuldades pedagógicas, simbólicas e materiais, resistindo a toda forma de invisibilidade e silenciamento.

KEYWORDS
POPULAR RURAL
EDUCATION.
STUDENT SUPPORT
AND RETENTION.
PARTICIPATORY
RESEARCH.
UNIVERSITY OUTREACH.

ABSTRACT The manuscript presents a systematization of the activities carried out within the Extension Project “Peasant Youth and University Retention: Rethinking, Transgressing, and Building,” which aimed to create a space for listening and dialogue, allowing the sharing of aspirations, challenges, and anxieties experienced by peasant youth during their academic journeys at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). The planning of activities was based on a qualitative approach grounded in the principles of participatory research. To problematize the discussions, two meetings were held, using Formative Dialogical Circles– inspired by Freirean Culture Circles– as tools for dialogue and listening. The experience indicates the fundamental need for a university sector responsible for supporting youth, enabling attentive listening and providing assistance so that students can overcome pedagogical, symbolic, and material challenges, while resisting all forms of invisibility and silencing.

RAMON SANTANA TEIXEIRA LIMA
Mestrando em Educação Científica
Inclusão e Diversidade (PPGECID/UFRB),
participante do grupo de estudos e
pesquisas em Educação e Diversidade
(GEPED).

E-mail: ramonteixeira@aluno.ufrb.edu.br

**IDALINA SOUZA MASCARENHAS
BORGHI**

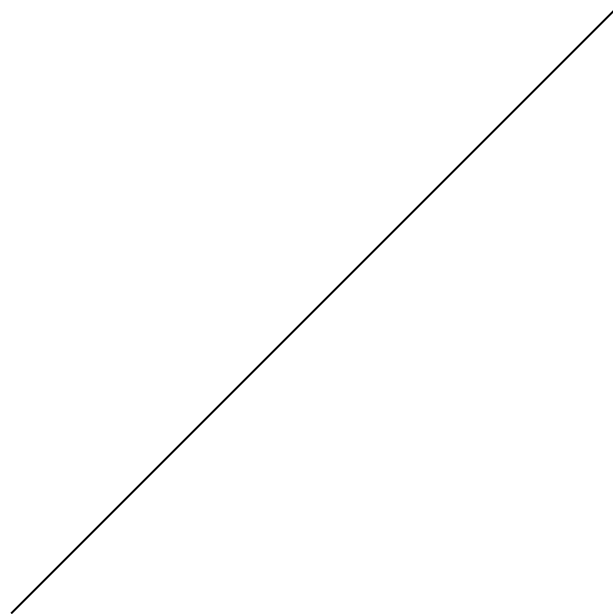
Mestra e doutora em Educação pela
Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Professora do Curso de Licenciatura
em Educação do Campo (Ciências da
Natureza e Matemática) (UFRB). Professora
permanente do Programa (PPGECID),
Líder do grupo de estudos e pesquisas em
Educação e Diversidade (GEPED).

E-mail: ismborghi@ufrb.edu.br

THIAGO LEANDRO DA SILVA DIAS

Mestre e doutor em Ensino, Filosofia
e História das Ciências (UFBA/UEFS).
Professor do Curso de Licenciatura em
Educação do Campo (Ciências da Natureza
e Matemática) da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia (UFRB), vinculado ao
NEA Laboratório Vivo.

E-mail: thiagodias@ufrb.edu.br



INTRODUÇÃO O texto que se apresenta é uma sistematização das atividades realizadas no Projeto de Extensão “Juventude camponesa e permanência universitária: repensar, transgredir e construir”, que foi desenvolvido como etapa formativa do componente curricular Prática Profissional Docente, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

A motivação para realizar esse projeto de extensão com jovens camponeses/as universitários/as surge a partir da realidade do primeiro autor, jovem camponês na universidade, com uma trajetória acadêmica marcada pela existência de dilemas que dificultaram a sua permanência na graduação, e ao mesmo tempo, despertou o seu interesse em compreender como estudantes, com realidades semelhantes à sua, estão enfrentando seus dilemas. Para tanto, o objetivo principal desse projeto foi conhecer a trajetória acadêmica dos estudantes camponeses, por meio da criação de um espaço de escuta e diálogo, para o compartilhamento dos anseios, dificuldades e angústias por eles/as encontradas e, nesse relato, refletimos sobre a experiência vivenciada, propondo indicadores de ações, para que os/as estudantes possam superar dificuldades e enfrentar os desafios da permanência simbólica e material.

Além da introdução, este relato está organizado em três seções: na primeira, apresentamos o percurso metodológico sobre o planejamento e construção da proposta; na segunda parte, apresentamos a descrição do primeiro encontro “Diálogos acadêmicos sobre juventudes”, na terceira parte abordamos as ações do encontro “Desafios e resistências na permanência universitária”. Concluímos com uma síntese acerca do processo formativo, apontando caminhos para que os estudantes não tenham uma trajetória acadêmica marcada por dificuldades materiais e simbólicas.

METODOLOGIA Ao pensarmos em processos metodológicos para realização do projeto de extensão, consideramos uma diversidade de elementos presentes nas discussões sobre juventudes e universidade. Portanto, definimos a abordagem qualitativa como a mais adequada, por

ser direcionada para os valores humanos, histórias e experiências dos participantes (Fazenda, 2008). A inspiração da pesquisa participante nos inseriu no movimento de escuta e interação com os jovens, na diversidade de seus modos de constituir suas identidades juvenis, de ser e estar na Universidade.

Foram realizados dois encontros presenciais no período entre maio e junho de 2025 e, a partir destes encontros, encaminhamos uma proposta de arte-educação, um grafite planejado e construído coletivamente com os participantes do projeto, durante o mês de agosto, no Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS). Com relação aos participantes, tivemos uma média de 23 jovens do campo, oriundos dos municípios de Antônio Cardoso, Ibipêba, Feira de Santana, Itaguaçu da Bahia, Ipecaetá, Piatã, Água Fria e Irará; todos eles localizados no Estado da Bahia. Os participantes da ação extensionista são estudantes universitários dos cursos de Tecnologia em Alimentos na Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo nas áreas do conhecimento Ciências da Natureza e Matemática e do Mestrado em Educação Científica Inclusão e Diversidade (PPGECID).

Para o primeiro encontro de Diálogos sobre Juventudes, tomamos como referência, para incentivar a construção do debate, autores como Dayrell (2003), Pais (1990), Weisheimer (2019), Borghi, Orrico e Mendes (2021), refletindo sobre autonomia, independência, papel do jovem na sociedade, juventude camponesa, entre outras questões relacionadas aos percursos formativos e histórias de vida, que surgiram durante os encontros com os participantes. Para o segundo encontro sobre Desafios e resistências na permanência universitária, selecionamos como referências norteadoras a Lei de Cotas, as resoluções e portarias de ações de permanência ofertadas pela UFRB, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e o artigo “Juventudes, pesquisa (auto) biográfica e formação docente: narrativas e implicações insurgentes” (Souza; Borghi; Orrico, 2024), além de recortes de pesquisas com falas de estudantes sobre a forma de ingresso dos jovens camponeses na universidade, as expectativas, os anseios, os dilemas, as condições de permanência material e simbólica, entre outros achados que foram obtidos durante a Revisão de Literatura da Pesquisa de Mestrado do primeiro autor.

Neste relato de experiência, o procedimento que utilizamos foi a descrição das experiências dos participantes relacionadas à permanência universitária, e que foram obtidas nos Círculos Dialógicos, realizados em cada encontro por meio do diálogo problematizador articulado com a práxis pedagógica, epistemológica e política das ações sociais pensadas de forma crítica (Toniolo; Heinz, 2017). Afirmamos que, para preservar a identidade e anonimato dos participantes, utilizaremos nomes fictícios¹.

CONCEPÇÕES DE JUVENTUDES A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

No primeiro momento, foi realizada a apresentação da coordenação, composta pelo primeiro autor (mestrando), a orientadora e o supervisor da Prática Profissional Docente, bem como foi apresentado o objetivo do projeto, a quantidade de encontros e, em seguida, realizamos uma breve rodada de apresentações com os participantes. Após esse momento de apresentações, iniciamos os diálogos sobre juventudes com a provocação sobre o “significado de ser jovem para

1 A ação de extensão está ligada a pesquisa de mestrado Juventude Camponesa e Permanência Universitária: Dilemas e Persistências, aprovada no Comitê de Ética (87603825.4.0000.0056). As falas dos participantes foram gravadas, com autorização prévia, posteriormente foram transcritas utilizando a funcionalidade “transcrição de áudio” do Microsoft Word..

cada participante”, uma pergunta simples que provocou reflexões profundas e uma das participantes externalizou suas percepções da seguinte forma: “é uma descoberta, a cada dia nós aprendemos coisas novas e aí também. É, cada vez são mais responsabilidade nas costas da gente, então ser jovem é uma mistura de coisas para mim, sabe?” (Júlia, 2025).

A juventude não é somente um momento para experimentação de novas possibilidades e descoberta de valores; para alguns, ela é marcada pela responsabilidade relacionadas a trabalho, estudos e família. Weishemer (2019) acredita que os jovens do campo alcançam a maturidade mais cedo, pois, desde crianças, alguns possuem responsabilidades que são adquiridas nas atividades laborais de subsistência. Portanto, consideramos que a juventude é uma construção social influenciada pelo contexto de vivência e seus fatores. Nesse sentido, conforme Pais (1990), existem diversas juventudes. Para problematizar esse conceito realizamos as seguintes perguntas: “todos os jovens conseguem viver a juventude da mesma forma? Ela é algo homogêneo para todos?”. Entre as opiniões dos participantes, destacamos a seguinte:

Então, eu acho que a realidade não é igual para todos, principalmente pela oportunidade, porque não é todo mundo que tem a mesma oportunidade, não é todo mundo que tem um apoio, tipo a família para apoiar, amigos ou tem que trabalhar, tem filhos (Dandara, 2025).

A partir da fala de Dandara, percebemos que ela entende que existe uma diversidade de juventudes e que os fatores sociais como família, trabalho, filhos e outros marcadores sociais influenciam a forma como as pessoas vivenciam essa fase da vida, chegando ao ponto de ter a sua juventude negada. Para aprofundarmos a discussão sobre o conceito de juventudes, utilizamos dois episódios do documentário “Crianças Invisíveis”. Em uma visão ampla dos sete episódios, o documentário aborda a ausência da garantia do direito do acesso à educação, segurança, alimentação, brinquedos, brincadeiras e as infâncias que são negadas. O objetivo de exibir o documentário foi fazer analogia entre a existência de diferentes infâncias e o pensamento de que a juventude não é homogênea, ou seja, deve ser pensada na sua pluralidade. Esse momento reforçou o conhecimento que os participantes já possuíam sobre o conceito em discussão, porém com o documentário surgiram novos relatos, tais como:

Eu moro num bairro periférico onde tenho a noção e vejo a olho nu. São pessoas que já vem marginalizadas e acabam tendo seus filhos e isso vai se prolongando. Então tem crianças que já nascem de berço com aquilo. E um jovem desse, como que mora lá no meu bairro, não escapa da criminalidade, não se escapa da droga. Segundo o relato de pessoas que eu via todo dia, uma criança de onze anos foi vítima da criminalidade. Por envolvimento com a criminalidade, sem acesso a projetos sociais, outras coisas e, dias depois, o mesmo irmão, com quinze anos, a mesma família, foi vítima da criminalidade também (Nelson, 2025).

A partir da fala de Nelson, juntamente com as percepções de Arroyo (2015) sobre a nova segregação social, afirmamos que entre os motivos das juventudes serem negadas estão a ausência dos direitos sociais coletivos para as mulheres, povos originários, afrodescendentes, negros, LGBTQIA+, entre outros grupos marginalizados, que historicamente foram colocados em contextos de estratificação

social que negam a qualidade de vida humana.

Após esse momento e como última atividade do encontro, realizamos uma vivência sobre empatia, em que os participantes receberam fichas com dilemas vivenciados por jovens de diferentes classes sociais e, organizados em trio, eles receberam a orientação de se colocar no lugar desses jovens e discutir estratégias para superar o dilema indicado na ficha.

O primeiro trio pegou a ficha do personagem jovem indígena, apresentando profunda discordância com uma proposta de educação que não respeita as diversidades culturais. Como estratégia para superar esses dilemas, a equipe ressaltou a valorização e afirmação da sua identidade cultural, expressando suas simbologias, como as pinturas corporais e artefatos culturais. O segundo trio pegou a ficha de uma jovem camponesa, de classe popular em espaço urbano, com dificuldades de acesso à educação e trabalho, com o dilema em deixar o campo em busca de melhores condições de trabalho ou permanecer e buscar mudanças. Compartilhando suas percepções sobre essa situação, o grupo problematizou o êxodo realizado por familiares do campo para a cidade, em busca de melhores condições de trabalho, e as relações patriarcais que definem os papéis dos homens, saindo para trabalhar, e das mulheres cuidando dos filhos no campo.

O terceiro trio pegou a ficha da jovem negra e mulher com o dilema de como conquistar espaço e respeito em ambientes masculinos e predominantemente brancos. Um dos pontos levantados pelo grupo para enfrentar esse dilema foi a coletividade, considerando que, a partir do momento em que me reconheço como mulher negra estigmatizada, a união com outros atores sociais pode contribuir com o fortalecimento e engajamento na luta contra esse tipo de discriminação.

Com essa atividade, finalizamos o nosso primeiro encontro do projeto com foco na discussão das juventudes. Ressaltamos que os encontros não tinham uma estrutura sólida ou roteiro fixo. Nosso objetivo foi discutir sobre a diversidade de juventudes, porém, no decorrer do diálogo, sugeriram outras falas referentes à permanência, como a fala de Paula (2025) sobre as dificuldades que encontrou para trabalhar e ter uma renda:

Porque tem mais dificuldades em questões financeiras, muitos não têm condições de ficar vindo para a universidade. Por exemplo, eu mesma preciso da ajuda dos meus pais. Mas muitos pensam assim: se eu não tenho uma quantia boa aqui, não dá para sobreviver muito tempo; então o que a maioria faz é desistir. Outros procuram outros meios, tipo o curso com bolsa, a gente tenta procurar bolsa, só que muitos não têm bolsa. Então, muitos ficam sem bolsa, por que tem dificuldade e... como trabalhar? Porque a carga horária é muito longa. Então tem vezes que quando a gente termina o curso, a gente procura trabalho de meio período e ganha pouco. Tipo, eu mesma fui trabalhar na Fraga Maia. Eu só ganhava 80 reais a diária e gastava 30 reais com transporte e fiquei apenas com 50; então não vale a pena, porque não tem como me bancar aqui. A universidade, mesmo sendo pública, é para pessoas que tem condições de estar aqui (Paula, 2025).

A fala de Paula antecipou brevemente o conteúdo da discussão do encontro sobre permanência. A partir desse relato, afirmamos que um dos dilemas dos estudantes é a ausência de recursos financeiros para se manter e, quando tentam buscar os meios para obter

recursos, enfrentam dificuldades por não conseguirem conciliar o trabalho com os estudos. Portanto, consideramos necessário repensar o acesso e a permanência dos jovens na universidade, lutar pela construção de políticas públicas que atendam às necessidades dos estudantes e garantam condições dignas para a realização do curso.

DESAFIOS E RESISTÊNCIAS NA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Iniciamos o encontro com o acolhimento, realizado por meio da contação da história “O caso do Abacaxi”. O objetivo dessa atividade, na abertura, foi provocar nos participantes reflexões sobre a forma como se sentem, sendo jovens na sociedade, do ponto de vista da participação nos espaços sociais, culturais, políticos, nas comunidades, famílias e em outros espaços onde constroem suas existências. Nesse diálogo, as/os jovens se posicionaram afirmando que:

Nessa trajetória que a gente realiza nesse percurso, muitas vezes eu me sinto meio excluída, não me sinto participativa das coisas, não consigo me envolver tanto e, quando a gente não consegue se envolver em algo, a gente se sente excluída... Quando a gente tenta pegar esse conhecimento que a gente adquiriu dentro da academia e levar para nossa comunidade, ela não dá valor a esse conhecimento que a gente leva. Muitas vezes, a gente, por muita tentativa, tenta organizar a comunidade. Mas a comunidade não colabora, não participa. Isso é muito frustrante para a gente porque nós queremos aplicar esse conhecimento dentro da nossa comunidade, porém, não conseguimos avançar (Beatriz, 2025).

Analisando o relato de Beatriz percebemos que, sobre a autonomia e participação nos espaços sociais da sua comunidade, a estudante acaba não conseguindo compartilhar os conhecimentos obtidos dentro do espaço acadêmico, talvez pela falta de confiança das pessoas adultas da comunidade na responsabilidade e potencialidade da jovem. Acrescentamos que essa dificuldade em compartilhar os conhecimentos na comunidade, pode ter origem também na desqualificação do gênero feminino; nessa situação existe a interseccionalidade entre o estigma de jovem e a discriminação de gênero (Crenshaw, 2002). Continuando com a rodada de diálogo, colocamos uma questão motivadora para os participantes, referente aos primeiros semestres do curso, considerando a sensação de estranhamento e não pertencimento ao espaço acadêmico. Um exemplo das percepções compartilhadas foi o seguinte:

O primeiro semestre para a gente foi bem difícil, mas eu acho que os professores entendiam, sempre auxiliavam, talvez por ser Educação do Campo eles entendem que a gente vem de um contexto de educação que é defasado e eles sempre tinham paciência. E a gente ia evoluindo com o tempo, melhorando a leitura, a escrita, a comunicação. Mas sempre com a paciência dos professores e isso eu acho que foi fundamental para a gente não desistir de primeira (Marielle, 2025).

Com a fala dessa participante, percebemos como é importante o apoio pedagógico para a adaptação do estudante, pois isso vai além das condições materiais para a permanência. O acolhimento docente contribui com a construção do sentimento de pertencimento à universidade e, conseqüentemente, à ocupação do lugar de direito do estudante do campo com o desejo de estar presente na universidade. No que concerne à permanência material, os participantes dialogaram sobre os auxílios ofertados pela universidade, como bolsa

permanência, residência e restaurante universitário. Tivemos a seguinte fala nesse sentido:

É muito difícil a gente trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Eu faço uma trajetória que às vezes parece que minha mente vai explodir [...]. Quando eu vou estudar, a minha mente está tão cansada que eu não consigo absorver os conteúdos. Muitas vezes, até o que o professor fala em sala de aula eu acabo esquecendo. E quando é na hora de fazer as atividades, isso me dá um nó na mente que eu não consigo avançar nas atividades. Então, muitas vezes eu acabo chorando. Eu falo: nossa, eu não estou aguentando, eu não estou suportando, eu venho de uma geração que não é tão tecnológica, eu tenho dificuldade enorme de mexer no notebook. E quando a gente chega aqui na universidade e se depara com as regras da ABNT, formatação de trabalho, algo que a gente não está convivendo no dia a dia para fazer, isso dá um nó na minha mente que eu não consigo avançar. (Bruna, 2025).

Na fala de Bruna, marcada pelo choro diante de uma rotina exaustiva de trabalho e dificuldades em se adaptar às normas do trabalho científico, percebemos que os estudantes que não possuem recursos financeiros enfrentam barreiras materiais e simbólicas para permanecerem no curso. Os jovens das classes populares precisam aprender o ofício de estudante acadêmico e os primeiros anos do curso são os mais turbulentos, por conta da sensação de estranhamento, normas acadêmicas de produção científica, linguagem formalizada, cobranças dos professores e ausência de orientação pedagógica na realização das atividades (Coulon, 2017).

Como última atividade do encontro, os participantes se reuniram em dois grupos, para construírem coletivamente, a partir das suas vivências e discussões no encontro, um mapa mental sobre os dilemas da permanência. Por meio dos conceitos colocados, identificamos que, entre os principais dilemas na permanência, estão o acesso a bolsas de auxílio, falta de recursos financeiros, falta de didática contextualizada com suas realidades, ausência de restaurante universitário, falta de escuta dos estudantes e de suas dificuldades, demonstrando a necessidade de construção de um ambiente inclusivo para as diversidades, e que garanta as condições indispensáveis para a permanência no curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS Na realização da ação de extensão, tivemos um prazo apertado por conta do calendário acadêmico dos estudantes da Educação do Campo, pois esses cursos são organizados por meio da Pedagogia da Alternância, desenvolvido em dois Tempos formativos: Tempo universidade e Tempo comunidade. Entretanto, mesmo com esse pequeno obstáculo temporal, consideramos que a experiência de uma ação extensionista direcionada para as juventudes foi muito bem-sucedida e alcançamos o objetivo de proporcionar aos estudantes um espaço para que compartilhassem suas experiências, anseios e angústias, vivenciados nas suas trajetórias acadêmicas. As ações realizadas indicaram sinais de que é fundamental a existência de um setor da universidade responsável pelo acompanhamento da juventude universitária, fornecendo suporte para que os estudantes não tenham uma trajetória acadêmica marcada por dificuldades pedagógicas, materiais e toda forma de silenciamento. Isso pode ser feito com ações como rodas de conversa periódicas, formações sobre ferramentas digitais, seminários temáticos, políticas de permanência conectadas com políticas interseccionais de combate à pobreza e distribuição de renda, implementação do

restaurante universitário, entre outras, que contribuirão com a permanência e dignidade de vida acadêmica dos estudantes..

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **O direito à educação e a nova segregação social e racial, tempos insatisfatórios?** Educação em Revista, v. 31, n. 3, p. 15–34, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/O102-469813057>. Acesso em: 29 ago. 2025.

BORGHI, Idalina; ORRICO, Nanci; MENDES, Maricleide. **Tecer a vida em tempos de pandemia: narrativas e aprendizagens de jovens universitários camponeses.** Revista Práxis, v. 13, n. 25, p. 1–18, 2021. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/praxis/article/view/12597>. Acesso em: 29 ago. 2025.

COULON, Alain. **O ofício de estudante: a entrada na vida universitária.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1071–1084, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/ep/a/zCPSswGqq6PQ-TxJ7JBd9TG/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201710167954>.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?lang=pt>. Acesso em: 29 ago. 2025.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Metodologia da pesquisa educacional**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude: alguns contributos.** Análise Social, v. 25, n. 106, p. 949–976, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.1990105.07>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SOUZA, Elizeu; BORGHI, Idalina; ORRICO, Nanci. Juventudes, pesquisa (auto)biográfica e formação docente: narrativas e implicações insurgentes. **Revista @mbienteeducação**, v. 17, n. 00, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.26843/ae.v17i00.1260>. Acesso em: 29 ago. 2025.

TONIOLO, Joze; HENZ, Celso. **Paulo Freire no âmbito da pesquisa: os círculos dialógicos investigativo-formativos como possibilidade de reinvenção dos círculos de cultura e auto(trans)formação permanente com professores.** Revista Inter-Ação, Goiânia, v. 42, n. 2, p. 398–415, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ia.v42i2.44026>. Acesso em: 29 ago. 2025.

WEISHEMER, Nilson. **A situação juvenil na agricultura familiar.** Curitiba: CRV, 2019.